



# O ARTIGO CIENTÍFICO EM UM DIÁLOGO ENTRE O PESQUISADOR EXPERIENTE E O PESQUISADOR EM FORMAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE RECURSOS PARA O AGIR

THE SCIENTIFIC ARTICLE IN A DIALOG BETWEEN THE EXPERIENCED RESEARCHER AND THE DEVELOPING RESEARCHER: BUILDING RESOURCES FOR ACTION

Luzia Bueno | Universidade São Francisco (USF) | [luzia\\_bueno@uol.com.br](mailto:luzia_bueno@uol.com.br)\*

Eliane Gouvêa Lousada | Universidade de São Paulo (USP) | [elanelousada@uol.com.br](mailto:elanelousada@uol.com.br)

Marília Mendes Ferreira | Universidade de São Paulo (USP) | [mmferreira@usp.br](mailto:mmferreira@usp.br)

DOI: <https://doi.org/10.37514/RLE-J.2024.1.2.05>

Recebido: 15-11-2023 | Aceito: 02-04-2024

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo investigar o processo de produção de um artigo científico na perspectiva de um pesquisador experiente. Para isso, partirá de duas entrevistas inspiradas no método de instrução ao sócia (Oddone et al., 1981), realizadas por dois mestrandos das áreas de Letras e de Educação que entrevistaram dois especialistas das áreas, que já publicaram e ainda publicam artigos científicos, além de também serem editores de periódicos científicos. Para tanto, a abordagem teórica centrou-se no Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart 2006, 2008) e nos estudos da Clínica da Atividade e da Ergonomia da Atividade (Amigues, 2009; Saujat, 2004), ao considerarmos o pesquisador como um trabalhador. Os resultados das análises trazem contribuições para formar diretamente os estudantes que participam das entrevistas para produzirem artigos científicos e, indiretamente, a formar outros estudantes, que, ainda que não tenham participado da entrevista, possam ter acesso aos resultados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artigo científico, pesquisador experiente, entrevista tipo instrução ao sócia.

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo investigar el proceso de producción de un artículo científico desde la perspectiva de un investigador experimentado. Para ello, se basa en dos entrevistas inspiradas en el método de instrucción al sosia (Oddone et al., 1981), realizadas por dos estudiantes de maestría en Letras y Educación, quienes entrevistaron a dos expertos en las de lingüística y educación. Estos expertos, además de ser editores de revistas

\*Para correspondência, contatar: Luzia bueno ([luzia\\_bueno@uol.com.br](mailto:luzia_bueno@uol.com.br)). Rua Padre Gil Correia Machado, 149 Pq. Jambeiro Campinas-SP, Brasil. CEP 130 42670.

científicas, han publicado artículos científicos. El enfoque teórico se centra en el Interaccionismo Sociodiscursivo (Bronckart 2006, 2008) y en los estudios de la Clínica de la Actividad y la Ergonomía de la Actividad (Amigues, 2009; Saujat, 2004), considerando al investigador como un trabajador. Los resultados del análisis contribuyen directamente a la formación de los estudiantes que participaron en la entrevista, permitiéndoles producir artículos científicos, y de manera indirecta, influyen en la formación de otros estudiantes que pueden acceder a los resultados.

**PALABRAS CLAVE:** Artículo científico, investigador experimentado, entrevista tipo instrucción al sosia.

**ABSTRACT:** This article aims to investigate the process of producing a scientific article from the perspective of an experienced researcher. The study is based on two interviews inspired by the method of instruction to the double (Oddone et al., 1981), conducted by two master's students in the fields of Literature and Education. These students interviewed two experts in the respective fields, individuals who have not only published scientific articles but also work as editors for scientific journals. The theoretical approach focuses on Sociodiscursive Interactionism (Bronckart 2006, 2008) and studies in Activity Clinic and Activity Ergonomics (Amigues, 2009; Saujat, 2004), viewing the researcher as a worker. The results can contribute directly to the education of students participating in the study by enabling them to produce scientific articles. Moreover, the findings indirectly benefit other students who, despite not being interviewers, can access the results.

**KEYWORDS:** Scientific article; experienced researcher; instruction to the double interview.

## INTRODUÇÃO

O artigo científico é um gênero textual, cuja produção faz parte das atividades de um pesquisador e, nos últimos tempos no Brasil, vem assumindo uma grande importância, já que a quantidade de artigos publicados em revistas bem avaliadas pela CAPES<sup>1</sup>, agência federal responsável pela avaliação dos programas de pós-graduação no Brasil, pode contribuir para elevar a nota recebida pelo programa do qual o pesquisador faz parte. Devido a isso e ao fato de a produção discente ser também avaliada, nos cursos de pós-graduação, tem-se exigido que mestrandos e doutorandos publiquem, ao menos, um artigo científico durante o seu curso. Visando também a contribuir para o domínio desse gênero já na graduação, várias disciplinas buscam inserir os alunos na produção de artigos científicos, como já apontado em algumas pesquisas (Bueno et al., 2017).

Para levar os estudantes da graduação e da pós a se apropriarem deste gênero, as iniciativas dos laboratórios de letramento acadêmico ou dos centros de escrita acadêmica têm tido grande relevância. Por meio de oficinas e atendimentos individuais, os estudantes são levados a refletir sobre a sua produção. Para isso, são desenvolvidas intervenções que se apoiam em publicações sobre como fazer artigos científicos, na análise de exemplares dos

---

<sup>1</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

gêneros, na elaboração de modelos e sequências didáticas. Várias publicações já relataram essas iniciativas (Dias & Lousada, 2018; Lousada, 2022; Lousada & Tonelli, 2021). Contudo, ainda pouco se fala de como um especialista em produzir artigos científicos organiza o seu agir para isso. O foco das publicações tem se restringido às análises de artigos encontrados em periódicos ou no processo de produção de um estudante ainda em formação.

Ao verificarmos as publicações de estudos sobre o artigo científico na plataforma de teses e dissertações da CAPES e na Scielo, constatamos que elas tendem a centrar-se sobre como deve ser o artigo, quais são as suas partes e suas marcas de linguagem (Alvarez, 2019; Batista, 2008; Ferreira et al., 2023; Garcia, 2011; Machado et al., 2004, 2005, 2007; Medeiros, 2022; Motta-Roth, 2000, 2005; Muniz, 2005; Pereira, 2017; Soares, 2011; Swales, 1990; Tonelli, 2017; Vidal & Fukushima, 2021). Quando se voltam ao processo de produção, o foco está no aluno que está aprendendo esse gênero na graduação ou na pós-graduação (Bezerra, 2015; Gomes, 2021) e não em como o pesquisador experiente o produz. Desse modo, já temos inúmeras publicações sobre o artigo científico: em algumas delas, temos pesquisadores experientes de diferentes áreas que buscam indicar quais seriam as características desse tipo de produção, como em Slafer (2009) para as ciências florestais, Torregrosa Jiménez (2015) para o direito, Murilo et al. (2017) para a Educação, e Salamanca (2020) para a medicina. Porém, ainda não encontramos trabalhos sobre como um pesquisador experiente, em diálogo com um pesquisador iniciante, vai mostrando como redige um artigo científico de modo a contribuir com recursos para o agir deste. Nosso artigo procura, justamente, abordar essa problemática.

Desse modo, a questão que nos colocamos, inspirada nas pesquisas realizadas na perspectiva das Ciências do Trabalho, como a Clínica da Atividade (Clot, 2007, 2010; Clot & Kostulski, 2011) e a Ergonomia da Atividade (Amigues, 2009; Saujat, 2004), e que dá origem a este artigo é: um especialista, enquanto pesquisador (trabalhador) experiente, não teria recursos para o agir (Bronckart, 2008) que poderia compartilhar com o pesquisador (trabalhador) iniciante? Visando a contribuir para um debate sobre essa questão, temos o objetivo de investigar o processo de produção de um artigo científico na perspectiva de um pesquisador experiente, analisando-o a partir das dimensões da escrita (Simard, 1992) que esse agir mobiliza e de aspectos trazidos pela reelaboração da experiência por meio de verbalizações, durante uma entrevista, sobre esse processo de produção. Para isso, foram realizadas duas entrevistas, inspiradas no método de instrução ao sócio (Oddone et al., 1981), nas quais duas mestrandas das áreas de Linguística e Literatura e de Educação entrevistaram duas especialistas das áreas, que já publicaram e ainda publicam muitos artigos científicos, além de também serem editoras de periódicos científicos. Além disso, o artigo poderá contribuir diretamente para ampliar o conhecimento das estudantes que dela participaram para produzirem artigos científicos e, indiretamente, a formar outros estudantes, que, ainda que não tenham participado da entrevista, possam ter acesso aos resultados ou a um material de formação realizado a partir deles. Para tanto, nos apoiaremos no Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD), (Bronckart 2006, 2008) e nos estudos da Clínica da Atividade e da Ergonomia da Atividade (Amigues, 2009; Saujat, 2004), ao considerarmos o pesquisador como um trabalhador.

Para apresentar as nossas discussões, organizamos este artigo em mais quatro seções. Na primeira, explanamos o nosso aporte teórico sobre ISD, produção textual e Clínica da Atividade; na segunda, a metodologia; na terceira, os resultados; e, na quarta seção, finalizaremos com as considerações finais.

### O ISD, A PRODUÇÃO TEXTUAL E A CLÍNICA DA ATIVIDADE

O ISD como definido por Bronckart (2006), propõe-se a desenvolver uma das vertentes do Interacionismo Social de base vygotskiana: o estudo do papel da linguagem no desenvolvimento das pessoas, centrando-se na ontogênese. Para tanto, o ISD investiga os pré-construídos que constituem os textos (que, por sua vez, comentam as atividades humanas), as modalidades escolares ou formais de realização de sistemas formadores, para abordar o desenvolvimento das pessoas sob uma perspectiva epistêmica e praxiológica (Bronckart, 2005). A partir dessas orientações, o ISD desenvolveu estudos com objetivos didáticos, estudando a organização textual, propondo um modelo de análise de textos com vistas ao ensino da produção textual (Bronckart, 1999).

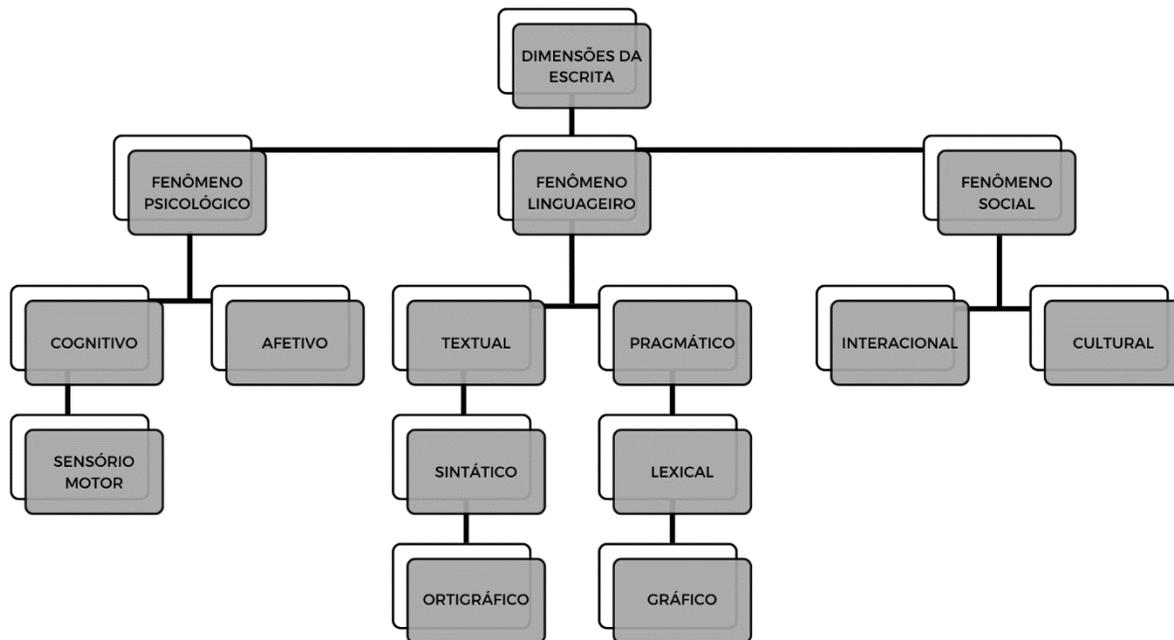
O modelo de análise textual proposto por Bronckart (1999) tem sido amplamente utilizado em pesquisas brasileiras, por se tratar de um modelo abrangente, que parte das condições de produção textual e chega aos mecanismos linguísticos que contribuem para a micro construção do texto. O modelo de análise textual (Bronckart, 1999) propõe uma análise descendente, que parte das condições de produção textual (contexto físico: emissor, receptor, local físico, momento e contexto sociossubjetivo: enunciador, destinatário, objetivo e local social) e se declina em três níveis:

- **Infraestrutura geral do texto:** compreende o plano global dos conteúdos temáticos, os tipos de discurso (discurso interativo, relato interativo, discurso teórico e narração) e os tipos de sequência (narrativa, argumentativa, injuntiva, explicativa, descritiva e dialogal).
- **Mecanismos de textualização:** coesão verbal, coesão nominal e conexão, responsável pela macro organização das ideias do texto.
- **Mecanismos de responsabilidade enunciativa:** vozes que se manifestam no texto, para além das vozes do autor empírico (vozes sociais, vozes dos personagens etc.) e modalizações, expressando a atitude do autor em relação a aspectos dos conteúdos temáticos.

A partir da compreensão da produção textual como algo que se declina em várias etapas, não esquecendo a noção de gênero de texto, o ISD faz uma série de propostas didáticas com vistas ao ensino de línguas, das quais destacamos o ensino da produção textual por meio de sequências didáticas (Dolz et al., 2004). Nessa perspectiva, Dolz et al. (2010) retomaram a proposta de Simard (1992) e propuseram uma compreensão da produção textual que leva em conta a dimensão linguageira, preponderante para Simard (1992), mas não negligencia as dimensões psicológica e social que são, para esses autores (Dolz et al., 2010), essenciais para a produção textual. A dimensão psicológica envolve o pensamento, os afetos e o corpo no gesto gráfico. A dimensão linguageira envolve fenômenos textuais e pragmáticos.

Por fim, a dimensão social leva em conta aspectos interacionais e culturais que estão ligados à produção textual. Na figura abaixo, podemos observar essas três dimensões da escrita.

**Figura 1.** Dimensões da escrita



**Fonte:** Dolz, Gagnon e Decândio (2010, p. 20) com base em Simard (1992).

Com base no aparelho nocional desenvolvido pelo ISD, Bronckart (2006, 2008) propôs-se a investigar a linguagem como “agir” e, portanto, o agir linguageiro em textos produzidos em situação de trabalho. Em sua visão, o trabalho é uma forma de agir e, para analisar as mediações formativas que ocorrem entre adultos em situação de trabalho, podemos utilizar conceitos do ISD para compreendê-lo.

A base vygotskiana que alimenta a perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1999), e que apresentamos acima, também é a origem de outra vertente teórico metodológica que convocamos para esse artigo. A proposta de utilizá-la advém do fato de que ela se interessa pela análise das situações de trabalho, portanto, no campo da formação de adultos, e de que ela desenvolve métodos que contribuem para a formação dos envolvidos em métodos que permitem a verbalização sobre as situações de trabalho.

A Clínica da Atividade, proposta por Clot (2001), tem por objetivo propor intervenções nas situações de trabalho de maneira a contribuir para que os próprios trabalhadores possam operar transformações duráveis em seus contextos de trabalho. Para tanto, os pesquisadores da Clínica da Atividade e, também, da Ergonomia da Atividade (Faïta, 2004, 2006) desenvolveram métodos para auxiliar os trabalhadores a falarem sobre sua atividade de trabalho, verbalizando

suas dificuldades em realizar o trabalho prescrito ao mesmo tempo em que dizem o que fazem de fato para realizar a tarefa prescrita. A partir dessa ideia inicial, que dá a voz aos trabalhadores para que falem de seu trabalho, pesquisadores da Clínica da Atividade e Ergonomia da Atividade desenvolveram, por um lado, o método da autoconfrontação, proposto por Faïta (Faïta & Vieira, 2003) e, por outro lado, resgataram e propuseram mudanças no método da Instrução ao Sósia (Oddone et al., 1981).

Proposto por Ivar Oddone, médico e psicólogo italiano, em 1970, o método de instrução ao sósia foi amplamente utilizado em encontros de formação operária com trabalhadores da FIAT em Turin. Oddone (Oddone et al., 1981) tinha por objetivo fazer com que os trabalhadores discutissem sua experiência concreta de trabalho. Para tanto, ele desenvolveu o método da instrução ao sósia, para que cada trabalhador pudesse dizer como realizava sua atividade e tornasse-se protagonistas em sua situação de trabalho. Com essa perspectiva, ele propôs um método em que os trabalhadores verbalizariam sobre sua atividade de trabalho ao instruir um outro “eu”, ou seja, um sósia. Nesse método, um trabalhador deveria descrever um dia típico de trabalho para um sósia, de forma que ninguém percebesse a substituição. Essa situação imaginária era uma oportunidade para que o trabalhador falasse sobre como, de fato, realizava seu trabalho.

Clot (2001) e outros pesquisadores da Clínica da Atividade retomaram esse método e inscreveram-no em uma perspectiva que considera o coletivo de trabalho. Assim, o momento da “instrução ao sósia”, com apenas um trabalhador, é feito em grupos de, no mínimo, três pessoas, nos quais há um sósia e dois instrutores. Os “instrutores” são os trabalhadores que vão verbalizar sobre seu trabalho tendo como destinatário um “sósia”. Em um primeiro momento, são feitas as “instruções”, gravadas em áudio. Após esse primeiro momento, os instrutores transcrevem suas gravações, tomando contato, nesse momento, com o que disseram. Eles escutam, também, as gravações dos outros e elaboram textos comentários. Na última etapa, é feita uma última reunião com todos os participantes, os comentários são lidos e discutidos, no pequeno “coletivo” de trabalhadores. Ao falar sobre seu trabalho para diferentes destinatários, Clot (2001) não apenas insere uma dimensão coletiva ao método, mas, também, permite que, ao reviver sua experiência dirigindo-se a outrem, durante a instrução, o trabalhador tenha mais consciência sobre sua atividade de trabalho.

Em nosso caso, fizemos algumas transformações em relação ao método da instrução ao sósia, para adequarmos a proposta ao nosso contexto e reconstituindo uma situação real: as entrevistadoras são alunas de mestrado que têm pouca ou nenhuma experiência na escrita de artigos científicos e precisam escrever artigos, pois isso é esperado na pós-graduação. Nesse papel real, de alunas que querem aprender a escrita acadêmica, elas agem como “sósias”, pedindo às pesquisadoras experientes que as instruem sobre como escrever artigo. A mudança foi necessária, pois não se trata de uma intervenção nas situações de trabalho das pesquisadoras experientes (instrutoras), com o objetivo de transformar as situações, justamente porque as pesquisadoras não solicitaram e, aparentemente, não necessitam de intervenção em suas situações de trabalho, diferentemente do caso da Instrução ao Sósia proposta

por Oddone et al. (1981) e retomada por Clot (2001). Com esse objetivo, propusemos outro tipo de entrevista, como poderá ser constatado na seção de Metodologia.

## METODOLOGIA

Os dados analisados neste artigo foram produzidos em uma situação a mais próxima possível de uma situação real: duas alunas de mestrado, sem experiência na escrita de artigos científicos, entrevistaram duas *experts* em escrita de artigos científicos. O objetivo delas era ouvir pessoas experientes em escrita de artigos que pudessem ajudá-las a compreender o processo de produção de um texto científico. Elas foram escolhidas por serem orientadas pelas autoras deste artigo e por não terem experiência anterior na escrita desse gênero.

A escolha das pesquisadoras consideradas *experts* foi feita segundo os seguintes critérios:

- Tinham que ser pesquisadoras CNPq<sup>2</sup>;
- Tinham que ser referências em sua área para a escrita de artigos científicos.

Com base nesses critérios, foram escolhidas duas pesquisadoras de duas áreas diferentes (Educação e Linguística Aplicada), que concordaram em serem entrevistadas. A entrevista foi filmada em vídeo e foi transcrita pelas entrevistadoras.

### Participantes

A *expert* entrevistada 1 é docente do Programa de Pós-graduação em Educação de uma universidade do interior de São Paulo desde o início do programa, no ano de 2000, orientando e desenvolvendo pesquisas sobre formação de professores para a educação básica. É bolsista CNPq 1E. Possui artigos publicados no Brasil, México, Estados Unidos e Portugal; é editora-gerente de uma revista A2, no Qualis 2017-2020<sup>3</sup>.

A entrevistadora 1 é mestranda do mesmo Programa de Pós-graduação em Educação desde 2023; é professora da instituição nos cursos de Pedagogia, Letras e em disciplinas de formação geral para todos os cursos, sobretudo, na modalidade educação a distância. Ela não escreveu nenhum artigo científico, mas precisará escrever um como parte das atividades obrigatórias do curso de mestrado.

A entrevista 1 foi realizada no dia 29 de setembro de 2023, às 15h, no *Google Meet*, e foi transcrita pela entrevistadora.

---

<sup>2</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

<sup>3</sup> O Qualis periódicos é uma forma de avaliação de periódicos acadêmicos que foi proposta pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), em contexto brasileiro, no intuito de caracterizar academicamente e classificar as publicações científicas. No Brasil, os periódicos são avaliados regularmente pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e recebem uma classificação em A1, A2, A3, A4, B1, B2, B3, B4, B5, C, sendo o nível mais alto o A1 e A2.

A expert entrevistada 2 é docente do Programa de Pós-graduação em Linguística de uma universidade da Paraíba e atua na área desde 1998. Ela é bolsista CNPq 1D e realiza pesquisas sobre letramento acadêmico.

A entrevistadora 2 é mestranda do Programa de Letras Estrangeiras e Tradução da Universidade de São Paulo (USP) desde 2021 e é professora de francês. Até o momento da entrevista, ela tinha escrito, apenas, um capítulo, com duas colegas, sobre suas pesquisas de mestrado. Certamente, ela precisará escrever um artigo, pois é algo importante para sua formação e, sobretudo, para o ingresso no doutorado.

A entrevista 2 foi realizada no dia 27/10/2023, tendo sido iniciada às 9h00, pela plataforma ZOOM. Após a gravação da entrevista, ela foi transcrita pela entrevistadora.

#### Instrumentos e método de coleta de dados

Para a realização das entrevistas, um protocolo foi elaborado pelas autoras deste artigo e foi enviado às entrevistadoras. Um ponto muito importante do protocolo foi que as alunas entrevistadoras podiam interromper e perguntar quaisquer dúvidas que elas tivessem sobre como escrever o artigo. Foram enviadas as perguntas abaixo, mas as entrevistadoras tinham liberdade para adicionar perguntas. O primeiro aspecto a ser mencionado no início da entrevista dizia respeito à apresentação da aluna entrevistadora e do estabelecimento da situação de comunicação, o mais próxima possível da situação real. As entrevistadoras receberam a seguinte sugestão para iniciar a entrevista:

Eu sou aluna(o) de...

Me interesse pela área acadêmica, por isso estou fazendo pesquisa de mestrado, sobre...

Eu gostaria de escrever um artigo científico sobre minha pesquisa de mestrado, mas nunca escrevi um artigo. Seria meu primeiro contato com a produção desse gênero de texto.

Como você é uma pesquisadora experiente e já escreveu muitos artigos, gostaria de fazer esta entrevista para compreender melhor o processo de escrita de um artigo científico.

Em seguida, as entrevistadoras deveriam fazer as seguintes perguntas, sempre podendo interromper e fazer outras perguntas:

- a) Em primeiro lugar, você poderia me dizer como fazer para iniciar a escrita de um artigo científico? De onde posso partir?
- b) Você poderia dizer como você faz para escrever um artigo científico? Quais passos você segue? Como você se organiza para ter a ideia e produzir um artigo científico?
- c) Você poderia me explicar melhor como você faz?

Nessas três primeiras perguntas, o posicionamento enunciativo sugerido foi o seguinte: as alunas entrevistadoras perguntariam sempre usando “você” (como você faz?) e as pesquisadoras experientes responderiam usando “eu” (eu faço...).

Após essas três perguntas, foi sugerida uma quarta:

- d) 4) Quais conselhos você me daria?

Nessa pergunta, as alunas deveriam indagar sobre: Como eu deveria fazer? E a pesquisadora deveria responder usando “você”: você deve...

A intenção do uso de “eu”, em um primeiro momento e “você” em um segundo momento, deu-se pela influência do método da instrução ao sócia, no qual o uso de “eu” ou “você” tem um impacto sobre a reelaboração da experiência, possibilitando que quem dá a entrevista (ou a instrução) reviva a experiência de outra forma, tornando-se mais consciente do processo. Em outras palavras, retomando Clot (2001), ao usar “você”, mas falando sobre a própria experiência, a pessoa tem um outro destinatário, o que pode permitir uma tomada de consciência, pois o fato de dirigir-se a um outro faz com que a experiência individual e subjetiva adquira novas significações.

Além das perguntas sugeridas acima, foi proposto também que as alunas fizessem todo tipo de questões, podendo abarcar todas as dúvidas possíveis e podendo estar relacionadas com várias etapas ou partes do artigo científico:

- Desde o início (ideia, como formular objetivos etc.)
- Introdução
- Fundamentação teórica – o que colocar? O que omitir?
- Metodologia – o que colocar? O que omitir?
- Análises – qual recorte para análises? O que mostrar?
- Conclusões – como formular conclusões de um trabalho que não é totalmente definitivo?

Passemos, agora, para a análise dos excertos.

## RESULTADOS

Na análise das entrevistas, seguimos o quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo, centrando-nos no conteúdo temático, nos tipos de discurso e nas vozes pela sua contribuição na discussão aqui proposta.

Organizados em uma grande sequência dialogal, com a predominância do discurso interativo, os segmentos apresentam vários momentos de relato interativo em que as pesquisadoras buscam em suas experiências exemplos

do ponto que estão expondo. Além disso, elas trazem vários aspectos que ajudam a ampliar as reflexões sobre o processo de construção do artigo científico.

Um primeiro ponto importante a salientar é o fato de que, como geralmente ocorre nas entrevistas, as especialistas entrevistadas puderam trazer aspectos mais subjetivos sobre as suas relações com a escrita, expondo suas preferências. Nesse sentido, como veremos nos exemplos, as categorias de dimensões da escrita, propostas por Simard (1992), foram pertinentes, pois permitiram destacar algumas das mais significativas na produção de artigos científicos, como, por exemplo, a dimensão psicológica. Nos exemplos abaixo, as modalizações apreciativas (Bronckart, 1999), representadas pelos verbos subjetivos afetivos (querer, gostar) e por adjetivos, advérbios e substantivos com valor apreciativo positivo (mais fácil, sonho etc.), revelam a dimensão psicológica da escrita. Entrevistada 1: então vou falar do artigo canônico... que eu não gosto muito de escrever o canônico mas vamos lá... (Entrevista 1, Linhas 97 e 98)

Entrevistada 1: ...Né? ... eu quero morrer quando eu vejo estado da arte que não é estado da arte ... então você tem que descrever ... qual banco de dados você foi? (Entrevista 1, Linhas 283 e 284)

Entrevistada 2: Digamos, se eu for escrever um artigo a partir de um plano de trabalho lá do PIBIC, por exemplo, ou de um outro projeto que eu tenha executado, fica mais fácil, digamos, fica mais fácil direcionar as etapas porque você já parte de algo prévio. (Entrevista 2, linhas 45 a 47)

Entrevistada 2: claro que o sonho de consumo é sempre publicar nos periódicos de status A. (Entrevista 2, linha 171)

Dessa forma, é possível perceber a dimensão psicológica da escrita acadêmica, que não é apreendida ao olharmos só o artigo pronto. Ao escrever, as pessoas desenvolvem diferentes relações com os textos, as quais podem ser apreendidas a partir das dimensões mobilizadas, como se pode ver na Figura 1, na seção 1.1., sobre as dimensões da escrita, enquanto fenômeno psicológico, linguageiro e social. Ao produzir um texto, o autor expressa suas questões psicológicas (cognitivas, afetivas, sensório-motoras), constrói um texto em uma dada língua, seleciona um gênero textual e emprega recursos léxico-gramaticais, visando a atingir a um outro a partir de suas representações sociais construídas acerca de como devem ser as interações em uma certa cultura disciplinar.

As dimensões psicológicas ligadas à escrita acadêmica são abordadas em pesquisas, mas sobretudo em trabalhos sobre a produção do aluno, como em Zavala (2010), Sito (2018), Bueno et al. (2021). Assim, ela é pouco explorada ao se tratar do pesquisador experiente para que possamos refletir melhor sobre as relações entre a escrita acadêmica e o desenvolvimento humano, o que justifica este estudo.

Nesse agir humano, com a implicação da dimensão psicológica, o especialista assume diferentes papéis em sua rotina, como pesquisador, orientador, professor, parecerista de periódico, membro de banca de qualificação e/ou

defesa de dissertação ou tese. Na entrevista, em vários momentos, para justificar as escolhas feitas ou indicadas para o iniciante, o especialista recorreu à sua experiência com esses outros papéis como um espaço em que pode exercitar as suas reflexões sobre as ações necessárias para a produção de um artigo científico. Além disso, ao empregar “a gente” ou “nós”, indicou que sua fala não é isolada, mas é a do coletivo de profissionais ao qual pertence. Nesse aspecto, observamos a dimensão social da escrita, que também está ligada aos papéis assumidos pelo autor do artigo e que apareceram nas entrevistas, como podemos ver abaixo:

#### Orientadora

Entrevistada 1: ontem até foi interessante no nosso grupo de pesquisa a gente tava discutindo um texto de um egresso de doutorado né. (Entrevista 1, linhas 262 a 264)

Entrevistada 2: Eu costumo dizer aos meus orientandos, aos meus alunos, principalmente para os alunos dos primeiros períodos, que a escrita de artigo nunca começa necessariamente na escrita daquele artigo. (Entrevista 2, linhas 13 a 15)

#### Professora

Entrevistada 2: No caso desses meus alunos, eu estou agora com uma turma de pesquisa aplicada ao ensino de língua. Então, eu solicitei que eles fizessem isso, pesquisassem ao menos três [referências teóricas], fizessem a contextualização da temática, então são alunos que estão na graduação ainda, no tema variação linguística. (Entrevista 2, Linhas 106 a 109)

#### Autora de artigos / pesquisadora

Entrevistada 1: agora nós que já estamos do lado de cá... digamos assim de orientação de/de pesquisador mais sênior né dizemos assim com mais experiência... a gente tem também: diferentes possibilidades para publicar... (Entrevista 1, linhas 27 a 29)

Entrevistada 2: Bom! Lá no grupo, a gente tem se pautado bastante por chamadas temáticas, a importância de uma chamada temática. (Entrevista 2, linha 165)

#### Parecerista de periódicos

Entrevistada 1: quando eu avalio o texto de uma revista e eu às vezes eu não quero negar porque eu falo assim poxa o pesquisador teve um trabalho para fazer mas o texto tá muito ruim... aí eu faço parecer enorme às vezes parecer de três quatro páginas... dando sugestões em cada seção o que que não ficou legal o que que ele pode fazer... (Entrevista 1, linhas 212 a 216)

#### Membro de banca

Entrevistada 1: essa semana mesmo... né... nos últimos dias aí a gente participou de três bancas... nenhuma das três no resumo tinha resultado da pesquisa... (Entrevista 1, linhas 308 a 310)

Desse modo, nas duas entrevistas, observa-se que a escrita de bons artigos científicos exige mais que o domínio de uma estrutura canônica ou o cumprimento de um conjunto de etapas pré-estabelecido para ser realizada com sucesso: há escolhas a serem feitas e a inserção no mundo da pesquisa acadêmica pode contribuir para que essas escolhas ocorram de maneira mais crítica. As escolhas dos conteúdos a serem mobilizados para o artigo, bem como da ordem em que serão apresentados e dos demais aspectos linguísticos e discursivos que o compõem revelam a dimensão linguageira da escrita, que também deve ser dominada pelo pesquisador, embora, como mostramos, não seja a única. Assim, conforme apontam as entrevistas, as condições para a escrita de um artigo são diferentes para um iniciante e para um expert: Entrevistada 1: então um estudante da pós... ele vai partir evidentemente do seu projeto de pesquisa... então ele já tá com projeto de pesquisa em andamento seja mestrado doutorado... ele tem uma temática para esse projeto... então portanto ele vai escrever sobre essa temática... sejam textos teóricos... né... um estado da arte... ou um ensaio... seja um texto com pesquisa empírica... então esse é o ponto de partida... agora nós que já estamos do lado de CÁ... digamos assim de orientação de/de pesquisador mais sênior né dizemos assim com mais experiência... a gente tem também:: diferentes possibilidades para publicar... uma delas é quando saem né... os dossiês temáticos ou as seções temáticas... (Entrevista 1, linhas 22 a 31)

Entrevistada 2: Então, nesse processo aí, de busca, de leitura, é... esse escritor iniciante já construindo uma certa familiaridade como gênero, mas isso ainda é muito pouco, é muito incipiente. (Entrevista 2, linhas 21 a 23)

Entrevistada 2: pensando na minha situação de produção, esse roteiro pode se direcionar a dois caminhos. Digamos, se eu for escrever um artigo a partir de um plano de trabalho lá do PIBIC, por exemplo, ou de um outro projeto que eu tenha executado, fica mais fácil. (Entrevista 2, linhas 44 a 46)

As dúvidas das entrevistadoras ajudam a perceber a diferença entre o expert e o iniciante sobre questões do processo de produção e de envio de um artigo, as quais também não tinham sido o foco das publicações sobre o artigo científico:

Entrevistadora 2: É uma dúvida que eu tenho também sobre isso: eu posso... é... justificar no meu artigo, por exemplo, que houve essa mudança de objetivos no processo de escrita do artigo, uma vez que o resumo foi aceito? (Entrevista 2, linhas 86 e 88)

Entrevistadora 1: agora uma curiosidade minha a hora que você falou que nu/não sabe se a revista vai aceitar ... é quando a gente manda um texto para uma revista a revista não aceita a gente pode submeter o mesmo texto para outra revista ou não... mesmo que ela não tenha aceito a gente não pode mandar pra outro lugar. (Entrevista 1, linhas 197 a 201)

Partindo de escolhas, as entrevistadas indicam aspectos do momento que antecede a escrita do artigo os quais, ao olhar apenas para o produto, ou seja, o artigo pronto, tornam-se invisíveis para o observador externo. As entrevistadas explicitam que há vários pontos de partida, dependendo de se tratar de um pesquisador experiente ou iniciante. No caso do iniciante, as entrevistadoras relembram a importância de partir de seu projeto de pesquisa ou de um plano mínimo de trabalho; verificar se vai escrever a partir de dados já analisados, realizando um recorte, ou se vai produzir com dados ainda sem análise. Posteriormente, é preciso identificar de qual pergunta e objetivo se pretende dar conta no artigo. No caso do expert, há ainda a possibilidade de escrever para um dossiê temático para o qual o pesquisador já tenha sido convidado. Ademais, cabe também já um exame do periódico verificando a sua qualificação: o ideal são os classificados no extrato A, ou B, devendo-se evitar os do extrato C.

A ordem das construções das seções também não é única; embora as entrevistadas destaquem a necessidade de se partir de um plano mínimo do artigo ou de um esquema para cada seção, no decorrer da entrevista, percebe-se que a construção do artigo funciona em um processo de idas e vindas, no qual, à medida que se avança, vai se percebendo a necessidade de voltar atrás e fazer ajustes, cortes, mudanças de direção. Nesse sentido, vemos novamente a redação de um artigo científico em sua relação com a dimensão linguageira da escrita. Conforme uma das entrevistadas disse, após o plano pronto, “aí eu começo a escrever, antes de eu chegar na segunda seção... eu acho que modifiquei tudo...” (Entrevista 1, linhas 422-423).

Na introdução, “sala de visita” do artigo, como veremos em uma das entrevistas, uma entrevistada sugere “contextualizar, apresentar de imediato os objetivos e a relevância”, destacando que a “temática foi verificada em tal e tal contexto, mas não neste em que nós estamos trazendo... vincular a um grupo de pesquisa”. A outra sugere “problematizar” a temática que se quer trabalhar e terminar indicando o que será encontrado nas várias seções do texto.

Para a fundamentação teórica, uma entrevistada indica a necessidade de identificar os conceitos que serão empregados na análise; a outra acrescenta a importância de uma adequação mais ampla à área de pesquisa, dentro da CAPES, já evidenciado a questão de uma avaliação futura do artigo para atribuir uma nota ao Programa de Pós-graduação, e também à linha de pesquisa. Discute ainda a diferença entre a publicação no Brasil e no exterior, uma vez que a amplitude e profundidade da revisão bibliográfica feita varia conforme o país. Nesse sentido, ao construir a fundamentação teórica, é preciso articular-se à análise, mas é necessário também verificar as condições impostas pelo contexto onde se encontra o pesquisador e o periódico onde poderá ser publicado o artigo.

A metodologia para uma das entrevistadas é a “alma do trabalho”, sendo inclusive a parte pela qual ela prefere iniciar a construção de seu artigo, mas sempre seguindo o que o periódico propõe para vir nesta seção. Com efeito, ambas as entrevistadas explicitam a necessidade de se fazer nessa seção uma descrição do que foi feito, com quem e como. Todavia, ressaltam a importância de se considerar o percurso realizado por cada um para que as escolhas sejam feitas. Desse modo, conforme uma das entrevistadas, é possível até buscar inovações, escrevendo de um modo que fuja ao canônico, ainda que seja preciso verificar quais periódicos aceitam publicar artigos inovadores.

Entrevista 1: eu costumo dizer que tanto num texto de um relatório de pesquisa de mestrado doutorado quanto no artigo... até os alunos me imitam eu digo que a metodologia é a alma do trabalho... (Entrevista 1, linhas 279 a 281)

Entrevista 2: A metodologia vai depender muito do seu percurso, com o que você trabalhou. Porque, pra quem tá lendo, precisa saber exatamente... se você tem sujeitos de pesquisa, quem são esses sujeitos de pesquisa, se houve entrevista. Contextualizar sobre isso, quem são esses sujeitos, como foi a entrevista, quanto tempo durou, que critérios você usou pra selecionar esses sujeitos. Caracterizar a pesquisa dentro desse paradigma. É pensar em todas as informações que o leitor precisa saber. Pra ele não ficar... “mas isso porque fez assim?”, “como isso foi gravado?”, “como foi feita a transcrição?” Enfim! A metodologia, ela vai depender muito disso. Se foi uma observação em sala de aula, situar toda essa rotina, como foi essa entrada em sala de aula, passo – a – passo. Então ela é bem singular. Mas tem os livros de referências de metodologia, né... que mostra exatamente o que foi feito, como foi feito, quando, como, com quem, quanto tempo tem. Então é esse detalhamento. Também não cabe muita teorização como no artigo. (Entrevista 2, linhas 130 a 140)

Nas duas entrevistas, não houve uma pergunta explícita sobre como fazer as seções de resultados, mas nas discussões sobre as demais partes foram sendo apresentadas algumas questões como a importância de uma articulação entre as categorias de análise e os conceitos apresentados na parte teórica, a relação com o tipo de artigo (fruto de pesquisa empírica ou de revisão bibliográfica) para que possa ser feito o recorte da análise a ser apresentado, a necessária pertinência ao escopo da revista. Nesta questão, o fato de as entrevistadoras nunca terem escrito um artigo científico talvez tenha afetado o nível da discussão. É interessante refletir sobre o quanto pode ser obscuro para um neófito aquilo que já seria tão claro para o expert que este último nem precisa mais falar explicitando como é esta seção de resultados. Ao vermos os livros e artigos publicados sobre metodologia de pesquisa e redação de artigos acadêmicos (Lakatos, 2021; Severino, 2017) notamos que, nas instruções sobre como escrever a seção de resultados, se faz, de modo geral, uma apresentação muito genérica desse conteúdo, mas em que ordem e de que modo são feitas as escolhas não aparece nas discussões de publicações sobre o tema. Assim,

seria um ponto excelente para ser discutido diretamente com pesquisadores experientes e que a inexperiência levou a deixar de fora.

Na seção de conclusão, as entrevistadas indicam que é uma seção curta, por isso há a necessidade de se voltar aos objetivos e às perguntas de pesquisa, evitando fazer citações da parte teórica, mas buscando fechar com coerência o texto. Uma das entrevistadas destaca que cada área pode ter uma orientação de como fazer essa seção, trazendo o fato de que, nas engenharias, encerra-se com agradecimentos aos financiadores, por exemplo.

Entrevista 2: Eu também recomendo aos meus orientados, que se voltem aos objetivos, né. Então retomar o que foi alcançado a partir dos objetivos. Então a conclusão ela nem pode ser um resumo do que foi feito, as vezes a gente encontra, né, nas considerações finais dizendo assim: “Neste trabalho nós fizemos isso, isso, e isso nos estudos”. Não! Você já disse tudo. Já foi comentando sobre tudo. Então, nas considerações finais, você tem que dizer algo a mais, mas que feche o círculo da investigação. Uma boa orientação é pegar os objetivos. Se você tem o objetivo de analisar tal e tal coisa... verificar tal e tal coisa... então pode começar assim: A partir do que foi investigado, verificamos de fato que o trabalho docente se baseia em tal e tal coisa e, enfim, atrelar aos objetivos. Ou, se for o caso, às perguntas de pesquisa. (Entrevista 2 linhas 142 a 162)

Entrevista 1: pra esses dados que eu banalizei ... né? quais as conclusões que você chega ... né? ... agora se o trabalho tá super embrionário ... você não tem conclusão ... aí você coloca considerações finais ... ouu/sei lá ... eu não gosto nem de usar muito essas palavras de conclusão ... eu gosto de/dizer para concluir aí/ó todo trabalho todo texto precisa ter uma conclusão ... então as reflexões teóricas que eu fiz ... o que me mobiliza a pensar ... então aí você vai fazer muito mais uma reflexão teórica ... agora se você fez a análise de dados ... aí/é só tomar o cuidado para não repetir o que você pôs na análise ... tomar cuidado para não trazer citação nas conclusões... (Entrevista 1, linhas 313 a 337)

No decorrer das entrevistas, em vários momentos, houve algum comentário sobre o envio para a publicação, nos quais foi possível depreender: a necessidade de ver a classificação no Qualis da CAPES do periódico, o escopo da revista e a facilidade para publicação, quando se trata de dossiê temático ou se é convidado a fazer um artigo. Também discutiu-se sobre os prazos que costumam ser muito curtos para o desenvolvimento do texto, temática não explorada em publicações tradicionais sobre o artigo científico.

A questão da avaliação dos periódicos, pelo Qualis-CAPES, do convite para dossiês temáticos e dos prazos também revelam outra dimensão da escrita (Simard, 1992) que interfere na redação de artigos: a social, que envolve aspectos interacionais e culturais. Enquanto fenômeno social, a escrita de um artigo científico envolve a interação com os pares, inclusive pareceristas. Além disso, a escrita também está ligada a um aspecto cultural que, na produção de

artigos científicos, significa estar inserida em uma cultura acadêmica que envolve a avaliação das revistas, a existência de organização de dossiês que colocam ênfase em certas temáticas e a própria necessidade de pareceres, que é inerente ao fazer acadêmico.

Justamente, um outro tópico abordado foi sobre os pareceres e o fato de que estes podem pedir modificações ou esclarecimentos que nem sempre cabem na quantidade de caracteres determinado pelo periódico. Uma das entrevistadas, falando como parecerista, trouxe a questão da qualidade dos pareceres que, quando estão bem formulados, indicando os problemas de cada parte do texto, podem ajudar o autor a reformular e melhorar o seu artigo. Além disso, explicitou também que raramente um artigo é aceito pelo periódico sem pedido de revisão, mas para atenuar esse problema, ela prefere sempre submeter os seus textos aos periódicos somente após a revisão de um especialista em escrita acadêmica, ao qual, segundo ela, sempre encontra problemas. Desse modo, nota-se que mesmo o expert ainda tem algo a aprender quando se trata da escrita do artigo, logo a aprendizagem desse gênero constrói-se em um processo contínuo que se desenvolve ao longo da vida do pesquisador.

E essa aprendizagem do pesquisador experiente acaba sendo compartilhada com o iniciante, quando há, além das tradicionais seções de orientações, as parcerias, citadas por ambas as pesquisadoras na elaboração de artigos com seus orientandos. Essas parcerias, seja com os alunos ou com outros pesquisadores seniores, também não são exploradas nas publicações sobre a elaboração de artigos científicos, nas quais, ao se tratar da polifonia, centram-se fortemente na variedade de vozes citadas explicitamente no corpo do texto, mas não na dos produtores. É um ponto que merece maior destaque dada à quantidade de artigos escritos por no mínimo dois autores diferentes facilmente encontrados no sumário de periódicos acadêmicos de diversos países.

Na interação da entrevista, chamou-nos atenção a questão do tempo que as entrevistadas destacaram em vários momentos e cuja discussão não temos visto nas publicações sobre o artigo científico: o momento em que se encontra em um projeto de pesquisa e a sua interferência nas possibilidades de recorte de dados para a construção do artigo ou, ao menos, para a elaboração da seção de conclusões e/ou considerações finais; o intervalo entre a proposição de um plano para o artigo e o período específico para a sua produção, sendo que uma das entrevistadas destacou que preferia a época em que se fazia um rascunho manuscrito e só depois se passava para o computador, pois este espaço temporal permitia um amadurecimento das ideias. E depois do artigo pronto, conforme uma das pesquisadoras, seria necessário deixar o artigo “dormir” por um tempo para que se possa voltar a ele e enxergar melhor seus problemas para aprimorá-lo. Na sequência, há o tempo limite da revista para submeter ou revisar o texto; tempo sempre curto e que não permite o devido aprimoramento ou aprofundamento que poderia ser dado às seções do artigo. Nesse sentido, aprender a gerenciar esse tempo, sabendo que ele não vai ser o adequado, mas apenas o possível, parece-nos ser também uma das aprendizagens necessárias para o trabalho com o artigo científico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou responder à seguinte questão: um especialista, enquanto pesquisador (trabalhador) experiente, não teria recursos para o agir (Bronckart, 2008) que poderia compartilhar com o pesquisador (trabalhador) iniciante? Sendo assim, propusemo-nos a investigar o processo de produção de um artigo científico na perspectiva de um pesquisador experiente, analisando-o a partir das dimensões da escrita (Simard, 1992) que esse agir mobiliza e de aspectos trazidos pela reelaboração da experiência por meio de verbalizações, durante uma entrevista, sobre esse processo de produção. O emprego da metodologia proposta, ou seja, a entrevista inspirada na instrução ao sócia, contribuiu para que pudéssemos compreender um pouco mais sobre aspectos implicados na produção de um artigo por um trabalhador-pesquisador e, sobretudo, para vermos a complexidade que envolve essa escrita, que vai muito além do atendimento a um conjunto de regras sobre estrutura e/ou linguagem.

Os resultados das análises indicam que há um conjunto de recursos (conhecimentos sobre) para o agir do iniciante explicitados nos textos e que não costumam ser abordados em publicações sobre o artigo científico. São eles: a relação com a escrita envolve as emoções, ou seja, o pesquisador experiente não tem que gostar de todos os gêneros acadêmicos, ainda que tenha que produzi-los; a experiência em diferentes papéis vai contribuindo para que se possa aprimorar a apropriação de diferentes aspectos que envolvem o artigo científico; não há uma única forma de escrever o artigo nem um único ponto de partida: cada pesquisador, frente às suas condições poderá fazer as suas escolhas; a aprendizagem da escrita do artigo científico é um processo que se desenvolve no decorrer da vida do pesquisador; a escrita do artigo não é um processo linear, pois há idas e vindas para o aprimoramento durante a escrita e mesmo depois, quando se recebem os pareceres e é preciso rever/ reescrever o texto; além disso, é preciso saber gerenciar o tempo. Esse último aspecto merece reflexão, pois, como temos observado, há uma certa busca pelo produtivismo atualmente, em contexto brasileiro, incentivado pelos órgãos de avaliação da pesquisa científica no país. Dois outros recursos, tangenciados nas entrevistas foram: as parcerias na escrita dos artigos, algo positivo que também é incentivado pelos órgãos avaliadores da pesquisa científica no Brasil, e a elaboração da seção de análises, uma das mais delicadas na escrita do artigo.

Não podemos afirmar que as entrevistadoras se apropriaram desse conjunto de recursos para o agir no decorrer da entrevista, todavia, acreditamos que tenham observado alguns aspectos que poderão, eventualmente, ter alguma influência em sua produção textual futura. Além disso, os textos gerados, bem como as análises realizadas, poderão ser levados para os cursos de escrita acadêmica, possibilitando uma visão muito mais ampla do que envolve a construção de um artigo científico.

## REFERÊNCIAS:

Alvarez, G. R. (2019). *Artigos científicos brasileiros indexados na web of science (2009-2016)*. [Unpublished PHD dissertation, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].  
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/196353/001096114.pdf?sequence=1>

- Amigues, R. (2009). Le travail enseignant : prescriptions et dimensions collectives de l'activité. *Les Sciences de l'éducation - Pour l'Ère nouvelle*, 42, 11–26. <https://doi.org/10.3917/lsdle.422.0011>
- Batista, R. H. (2008). *O sujeito discursivo no gênero artigo científico*. [Unpublished master's thesis Universidade Federal de Uberlândia]. <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/15340/1/Rodrigo.pdf>
- Bezerra, B. (2015). Letramentos acadêmicos e construção da identidade: a produção do artigo científico por alunos de graduação. *Linguagem em (Dis)curso*, 15(1), 61–76. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-150104-1014>
- Bronckart, J. P. (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Editora da PUC-SP.
- Bronckart, J. P. (2005). Les différentes facettes de l'interactionnisme socio-discursif. *Calidoscópio*, 3(3), 149–159.
- Bronckart, J. P. (2006) *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. (A. R. Machado, & M. L. Matêncio et al. Trans). Mercado de Letras.
- Bronckart, J. P. (2008). *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. (A. R. Machado, & M. L. Matêncio Trans). Mercado de Letras.
- Bueno, L., Nascimento, S. C., & Mariano, M. H. da P. (2021). Letramento acadêmico e gêneros textuais em um curso de pedagogia. In M. Moretto, L. Bueno, F. Guimarães & C. A. J., Feitoza. (Eds.), *Letramento, ensino e pesquisa: práticas educativas em ação v 1* (pp.135–157). Paco Editorial.
- Clot, Y. (2001). Méthodologie en clinique de l'activité: l'exemple du sosie. In M. S. Delefosse & G. Rouan (Eds.), *Les méthodes qualitatives en psychologie* (pp.125–146). Dunod.
- Clot, Y. (2007). *A função psicológica do trabalho*. Vozes.
- Clot, Y. (2010). *Trabalho e poder de agir*. Fabrefactum.
- Clot, Y., & Kostulski, K. (2011). Intervening for transforming: The horizon of action in the clinic of activity. *Theory and Psychology*, 21, 681–696. <https://doi.org/10.1177/0959354311419253>
- Dias, A. P. S., & Lousada, E. G. (2018). O trabalho com os gêneros textuais acadêmicos em sala de aula: desenvolvimento e transferência de capacidades de linguagem. *Diálogo Das Letras*, 7(2), 10–25. Recuperado de: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/629>
- Dolz, J. Gagnon, R, & Decandio, F. (2010). *Produção escrita e dificuldades de aprendizagem* (F. Decândio & A. R. Machado, trans). Mercado de Letras.

- Dolz, J; Noverraz, M; Schneuwly, B. (2004). Sequências Didáticas para o Oral e a Escrita: Apresentação de um Procedimento. In: Dolz J & Schneuwly, B., *Gêneros orais e escritos na escola* (pp. 81-108). Campinas. Mercado de Letras.
- Faïta, D. (2004). Gêneros de discurso, gêneros de atividade, análise da atividade do professor. In: Machado, A. R. (Ed.), *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva* (pp. 53-80). Londrina. EdueL.
- Faïta, D. (2006). Langage, activité, organisateurs de l'activité. *Gragoatá*, 11(20), 9-27.
- Faïta, D., & Vieira, M. (2003). Réflexions méthodologiques sur l'autoconfrontation croisée. *DELTA: documentação de estudos em lingüística teórica e aplicada*, 19, 123-154.
- Ferreira, C. de C., Pires, R. C., Ferreira, H. R., Medeiros, F. F., Zambrana, D. E. Q., Lopes, W. B., & Korte, R. L. (2023). Como escrever e publicar um artigo científico: uma revisão da literatura. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, 6(12), 216–225. DOI: 10.5281/zenodo.7692972
- Garcia, R. L. (2011). *Para quem pesquisamos, para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais*. Cortez Editora.
- Gomes, L. L. (2021). *A construção do ponto de vista e o fenômeno da responsabilidade enunciativa em artigos científicos* [Unpublished PHD thesis], Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Lakatos, E. M. (2021). *Metodologia do Trabalho Científico*. Atlas.
- Lousada, E. G., Barioni, M. C., & Tonelli, J. B. (2017). Letramento acadêmico em francês: uma experiência de produção de artigos científicos na área de estudos literários. *DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada*, 33(3). <https://doi.org/10.1590/0102-445021051373592676>
- Lousada, E. G. (2022). O gênero "exposé oral" na graduação em Letras-Francês: formando os estudantes para a produção de um texto oral formal. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, 26(1), 247–260.
- Lousada, E. G., & Tonelli, J., B. (2021) A Aprendizagem do Gênero Textual Resumo por Estudantes de Letras Francês: um dispositivo didático a serviço do letramento acadêmico. *Signum*, 24(1), 117–135. DOI: 10.5433/2237-4876.2021v24n1p117
- Machado, A. R., Lousada, E., & Abreu-Tardelli, L. S. (2004). *Resumo*. Parábola.
- Machado, A. R., Lousada, E., & Abreu-Tardelli, L. S. (2005). *Resenha*. Parábola.
- Machado, A. R., Lousada, E., & Abreu-Tardelli, L. S. (2007). Trabalhos de pesquisa: diários de leitura para a revisão bibliográfica. In Machado, A. R., Lousada, E., & Abreu-Tardelli, L. S. *Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos*. Parábola.

- Medeiros, E. R. D. (2022). *As funções cognitivo-discursivas das anáforas indiretas na introdução de artigos científicos de revistas com Qualis A*. [Unpublished Master's thesis, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte].
- Motta-Roth, D., Hendges, G. R., Amoretti, E. C., & Kloss, M. (2000). O tradicional e o novo: Análise de artigos acadêmicos eletrônicos. *Intercâmbio*, 9(1), 29–38. <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1609>
- Motta-Roth, D. (2005). Artigo acadêmico. In D. Motta-Roth (Ed.), *Redação acadêmica: princípios básicos* (pp.67–76). Imprensa Universitária.
- Muniz, S. (2005). Os verbos de dizer em resenhas acadêmicas. *Signum*, 8(1), 103–129. <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2005v8n1p103>
- Murillo, F. J., Martínez-Garrido, C., & Belavi, G. (2017). Sugerencias para escribir un buen artículo científico en educación. *REICE. Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación*, 15(3), 5–34. <https://doi.org/10.15366/reice2017.15.3.001>
- Oddone, I., Re, A., & Briante, G. (1981). *Redécouvrir l'expérience ouvrière: vers une autre psychologie du travail*. Editions Sociales.
- Pereira, M. G. (2017). Dez passos para produzir artigo científico de sucesso. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 26(3), 661–664. 10.5123/S1679-49742017000300023.
- Salamanca, O. (2020). Cómo escribir un artículo científico. *CES Medicina*, 34(2), 169–176. <https://doi.org/10.21615/cesmedicina.34.2.9>
- Saujat, F. (2004). Spécificités de l'activité des enseignants débutants et "genres de l'activité professorale". *Polifonia*, 8(8), 1-23.
- Severino, A. J. (2017). *Metodologia do trabalho científico*. Cortez.
- Simard, C. (1992). L'écriture et ses difficultés d'apprentissage. In : R. Ouellet & L. Savard (Eds), *Pour favoriser la réussite scolaire* (pp. 276–294). Montréal : Éditions Saint-Martin.
- Sito, L. R. S. (2018). Ensaio de estratégias das artes letradas nas zonas de contato: trajetórias de letramento acadêmico, ações afirmativas e políticas de conhecimento. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 18(4), 821–852. <https://doi.org/10.1590/1984-6398201812992>
- Slafer, G. A. (2009). ¿Cómo escribir un artículo científico?. *Revista de investigación en educación*, 6, 124–132.
- Soares, M. (2011). Para quem pesquisamos? Para quem escrevemos? In R. L. Garcia (Ed.), *Para quem pesquisamos, para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais* (pp.71–96). Cortez.

Swales, J. M. (1990). *Genre analysis: English in academic and researching settings*. Cambridge University Press.

Tonelli, J. B. (2017). *Desenvolvimento da escrita acadêmica em francês: relações entre a produção escrita e o ensino do gênero textual artigo científico*. [Unpublished master's thesis. Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-03042017-121101/pt-br.php>

Vidal, E. I. D. O., & Fukushima, F. B. (2021). A arte e a ciência de escrever um artigo científico de revisão. *Cadernos de Saúde Pública*, 37(4). <https://doi.org/10.1590/0102-311x00063121>

Torregrosa Jiménez, N. E. (2015). El artículo Científico que debemos escribir y como escribirlo. *Verba Luris*, 33(1), 11–14. <https://doi.org/10.18041/0121-3474/verbaiuris.33.23>

Zavala, V. (2010). Quem está dizendo isso? Letramento acadêmico, identidade e poder no ensino superior. In C. Vovio; L. Sito, L. & P. Grande (Eds.), *Letramentos* (pp.71–95). Mercado de Letras.

## FINANCIAMENTO

CAPES-PRINT e CNPq.

## SOBRE AS AUTORAS:

Luzia Bueno é doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP); docente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco (USF). Bolsista de Produtividade pelo CNPq, coordenadora do Laboratório de Letramento da USF, desenvolve pesquisas sobre formação de professores, letramento e ensino de gêneros textuais.

Eliane Gouvêa Lousada é doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP); docente do Departamento de Letras Modernas e do PPG em Letras Estrangeiras e Tradução (FFLCH-USP). Bolsista de Produtividade pelo CNPq, líder dos grupos de pesquisa ALTER-CNPq e ALTER-AGE-CNPq e coordenadora do Laboratório de Letramento Acadêmico da FFLCH-USP (português e francês).

Marília Mendes Ferreira é doutora em Linguística Aplicada por The PennState University (2005). Atua na graduação e pós-graduação do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo. Suas pesquisas se concentram na investigação dos diversos aspectos do letramento acadêmico em inglês e formação de professores para fins acadêmicos.